

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

**BAIANIDADE** (Luiz Nova/Taiane Fernandes)

Expressão freqüentemente usada para definir características do “modus vivendi” dos baianos, mais especificamente, dos que nascem em Salvador e no Recôncavo da Bahia. Inserido no contexto da construção de tradições (HOBBSAWN e RANGER, 1984) e de discursos identitários, como forma de produzir coesão e consenso sociais, o conceito de baianidade representa uma imagem da Bahia, dos baianos e suas especificidades, adequando a busca da modernização capitalista, que, neste verbete, se refere à industrialização ocorrida a partir da segunda metade do século XX. A baianidade da primeira metade do século anterior, na obra de Jorge Amado e nas composições de Dorival Caymmi, expressa uma Bahia marcadamente bucólica e praieira, folclorizada através da preguiça e malemolência do baiano. Este perfil tornara-se contraditório às pretensões hegemônicas da industrialização e foi sendo superado em busca de um padrão identitário moderno, marcadamente urbano, adequado aos *fast food's* da sociedade contemporânea e à modernização pretendida. Roberto Albergaria sintetiza: “... somos baianos quando nos convém”. E acrescenta que “quando não convém, somos homem, mulher, ocidental, ser humano, vivente se for ecologista... A identidade baiana é sempre parcial e minoritária. Mas, no mundo da hipermídia, da indústria cultural, da cultura do entretenimento, ela é conveniente”. É assim que o projeto identitário encontra sua síntese na proposta do turismo, como “indústria sem chaminé”, como principal vetor de desenvolvimento econômico do Estado, reunindo de um lado o bucolismo, a hospitalidade praieira, o patrimônio histórico, e, de outro, a intensificação da vida urbana e seus encontros cultural-espetaculares (carnaval e mega-shows), cada vez mais ecléticos. O processo urbano-industrial experimentado na segunda metade do século XX reconfigura a baianidade. Reafirma a hospitalidade da velha Cidade da Bahia e potencializa as raízes histórico-culturais, o patrimônio histórico e natural, destacando a afro-descendência que se reconfigura e consolida-se como atrativo turístico, atividade econômica planejada e consolidada como principal caminho do desenvolvimento econômico do Bahia, a partir do Plano Estratégico do governo do Estado, no início da década de 90, do século XX, que percebe e se apropria do processo sócio-cultural em curso. Importante na composição da baianidade, a afro-descendência é apresentada como expressão da mistura e da tolerância racial propaladas, mas a

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

influência da tradição africana só ganha status privilegiado dentro do discurso identitário, construtor do consenso. São emprestados da negritude a cor (negra), a música (o toque do tambor), a estética (a exuberância corpórea, as cores das roupas, dos balangandãs etc.) e o gingado que caracterizam a baianidade. No entanto, a prevalência não se expressa na realidade social do negro e do mestiço baiano, o que confirma a baianidade atual como fruto de uma construção imagética utilitária. No dizer de Eneida Leal Cunha (2007), “o êxito dos bens simbólicos elaborados a partir da afro-descendência e postos em circulação pela usina cultural baiana (...) não atenuam o racismo que se traduz – na Bahia e no Brasil – em marginalização, violência e até extermínio da população negro-mestiça e/ou pobre”. Eneida (2004) destaca ainda que “o estímulo globalizado à valorização do local e da diferença cultural que atinge todas as camadas sociais, dada a eficácia da mídia e da indústria cultural, fazem a Bahia assimilar, no sentido positivo, a explosão criativa dos negros, sobretudo a dança e a música, como ‘retrato da baianidade’, como marco identificador da sociedade”. Para ela, a resposta à compulsividade cultural contemporânea viria dos grupos auto-identificados como brancos, com dupla face: o reforço ao mito do “paraíso racial”, que visa a afastar qualquer forma de polarização étnica, buscando tornar a cultura tradicional e a nova cultura negra um símbolo do “ser baiano”, e, simultaneamente, a sua inserção no circuito capitalista de bens simbólicos, transmutados em mercadorias.

Neste contexto, a permanência no poder de um grupo político único, liderado por Antônio Carlos Magalhães, foi determinante para a legitimação desta identidade. A associação da cultura local ao turismo é iniciada em 1971, com a criação da Bahiatura e Emtursa e com o primeiro governo de Antônio Carlos, vai ser desenvolvida de fato durante toda a década de 90 até o ano de 2006, sob a condução administrativa do mesmo grupo. A primeira investida com foco na afirmação de uma identidade afro-baiana voltada para a atividade turística foi a reforma do Centro Histórico de Salvador. A criação da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia (1995), os governos do mesmo grupo (ACM, 1991/1994; Paulo Souto, 1995/1998; César Borges, 1999/2002; Paulo Souto, 2003/2006), bem como o alinhamento dos meios de comunicação de massa locais - particularmente a Rede Bahia, retransmissora da Rede Globo e de propriedade da família Magalhães - ao discurso de baianidade, consolidou o projeto identitário, uma baianidade turística.

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

Marcada pela mistura desse “modo de ser confusional”, no dizer de Gey Espinheira (2001), a identidade conforma uma representação do “jeito” baiano que extrapola, muitas vezes, a realidade, e se configura, muito mais, como um diferencial, um apelo cultural para o turismo. O imaginário de baianidade é construído a partir da representação da Bahia como a terra da felicidade, festa, sol eterno, calor, praia, carnaval, axé music, tolerância racial, cultural e religiosa, etc. O termo baianidade pretende uma unidade de produção cultural, práticas cotidianas, “posturas” ou “estilo” do povo baiano, com características não são encontradas na maior parte do estado, antes, são restritas a Salvador e ao Recôncavo.

## **Referências Bibliográficas e Webgráficas:**

ALBERGARIA, Roberto, Tema: o que é identidade cultural, Entrevista no site da SBPC CULTURAL - Copiado em 29/01/2006, às 21:14h, disponível em: <http://www.sbpccultural.ufba.br/identid/index.html>

CUNHA, Eneida L; BACELAR, Jéferson; ALVES, Lizir A. Bahia: colonization and cultures. In: VALDEZ, M. e KADIR, D. Bahia: colonização e culturas. New York: Oxford Univ. Press, 2004. p. 551-565. Vol II (versão em português fornecida pelos autores).

CUNHA, ENEIDA LEAL. “Dentro e fora da nova ordem mundial: a cor da paisagem da cidade”. In: GOMES, R.C; MARGATO, I. Espécies de espaços. Belo Horizonte: Editora UFMG (prelo).

ESPINHEIRA, Gey. A cidade invisível e a cidade dissimulada. Comunicação apresentada no 1º Ciclo de Palestra (15 de janeiro a 12 de fevereiro de 2001) do projeto Quem Faz Salvador, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, em 15.01.2001).

HOBSBAWN, Erick e RANGER, Terence, A Invenção das Tradições, São Paulo, SP, 1984.